

A CRUZ DE CRISTO: O PONTO DE PARTIDA NO PROCESSO DE SANTIFICAÇÃO DO CRISTÃO

Jeová Rodrigues dos Santos¹

Wiviane Leandra Oliveira Duarte Cardoso²

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo a importância da cruz de Cristo no processo de santificação do cristão. Com isso, busca-se dar respostas à seguinte problemática: Qual a relevância da cruz de Cristo no processo de santificação? A fim de dar respostas adequadas a essa questão buscou-se esclarecer a importância e os efeitos da cruz para a salvação e no processo de santificação, analisar essa relação em perspectiva bíblica e apontar os efeitos da aplicação prática do sacrifício de Cristo no dia a dia da vida cristã. A metodologia utilizada neste trabalho foi à pesquisa bibliográfica. Ao final da pesquisa, depreendeu-se que o processo de santificação, implica em uma ação divina poderosa e transformadora realizada inicialmente no interior do ser humano resultando na mudança radical no caráter, nas ações e na forma de viver do cristão.

Palavras-chave: Cruz de Cristo. Processo. Santificação. Cristão.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo a importância da cruz de Cristo no processo de santificação do cristão. Com isso, busca-se dar respostas à seguinte problemática: Qual a relevância da cruz de Cristo no processo de santificação?

¹ Teólogo. Pedagogo. Mestre em Teologia. Mestre e Doutor em Ciências da Religião. Pós-Doutorado em Direitos Humanos. Professor Titular da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). E-mail: prof.jeova@fasseb.com.br.

² Graduada em Teologia. Pós-graduanda em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). E-mail: wivianecardoso@outlook.com.

Na tentativa de solucionar a questão apresentada, buscou-se esclarecer a importância e os resultados da obra realizada na cruz por Cristo para a salvação da humanidade e para o processo de santificação, analisar essa relação em perspectiva bíblica e apontar os efeitos da aplicação prática do sacrifício de Cristo no que diz respeito à vida cristã diária.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo foi a pesquisa bibliográfica. Utilizou-se a Bíblia e diferentes referenciais teóricos que sistematizaram a temática proposta para análise e reflexão.

Ao final destas reflexões, depreendeu-se que o processo de santificação, implica em uma ação divina poderosa e transformadora realizada inicialmente no interior do ser humano que resulta em uma mudança radical na natureza, no caráter, nas ações e na forma de viver do cristão.

1 A IMPORTÂNCIA DA CRUZ NO PROCESSO DE SANTIFICAÇÃO

Porém, de maneira alguma eu devo me gloriar, exceto na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.

(Gl 6.14).

Antes de apresentar uma abordagem acerca da importância da cruz de Cristo no processo de santificação, faz-se necessário apresentar uma breve exposição acerca do significado do termo santificação à luz das Escrituras. A santificação é um dos muitos aspectos da Salvação. A Salvação é a aplicação da obra de Jesus Cristo à vida dos pecadores (Ef 2.8-10).

A oferta de salvação pressupõe a plena corrupção do ser humano e sua incapacidade de, por seu próprio esforço, aproximar-se de Deus e agradá-lo. Ao mesmo tempo, essa oferta pressupõe o Deus de amor que por sua soberana vontade decide, graciosamente, ir ao encontro do pecador, a fim de restaurá-lo à comunhão com consigo. Quando alguém recebe graciosamente a Salvação, experimenta em sua vida, simultaneamente, todos os aspectos relacionados a ela: a Conversão; a Regeneração; a Justificação; a Adoção; a Santificação; a Perseverança e a Glorificação.

Santificar, de acordo com as Sagradas Escrituras, significa “tornar santo” ou “ser feito santo” (WILLIAMS, 2011). Santificação trata de uma condição ou estado legal diante de Deus em que ele nos declara/torna “santos” em Cristo Jesus. Ao mesmo tempo, esse termo aborda

um aspecto dinâmico e processual da vida cristã em que Deus nos “faz santos” no dia-a-dia, ou seja, nos transforma paulatinamente à imagem do seu filho Jesus. O aspecto dinâmico ou processual da santificação começa no momento em que somos regenerados e nos acompanha durante toda nossa vida.

Para ocorrer uma mudança na vida cristã é importante saber que a santificação é um processo de separação para Deus, e que nesse processo o Espírito Santo desenvolve no novo homem a imagem de Cristo e o aperfeiçoa para praticar boas obras. Na busca pela santificação o cristão também dispõe de três importantes meios que são: o sangue de Cristo que foi derramado em amor à humanidade. Outro meio de santificação é o Espírito Santo que realiza a santificação interna. Ninguém é limpo da culpa do pecado e reconciliado com Deus por Cristo sem ser santificado pelo seu Espírito. Por último, e não menos importante, destacamos a posição da Palavra de Deus e do próprio Cristo, entendendo que Ele é quem purifica a igreja por meio da lavagem de água pela Palavra, a partir do momento que o indivíduo a recebe, se arrepende e crê em Cristo.

A cruz de Cristo tem um papel muito importante no processo de santificação do ser humano. Guthrie (1984) aborda três aspectos da cruz de Cristo, sendo que dois destes aspectos são instantâneos e um gradual. Cristo crucificado por nós é o primeiro aspecto. Ele é nosso substituto. Esse aspecto fala sobre o não cristão, onde a cruz de Cristo pode ser para essa pessoa, o símbolo, o caminho possível ao perdão, à regeneração e à santificação. As pessoas que estão mortas em seus delitos e pecados são convencidas pelo Espírito Santo a confiar na cruz de Cristo (Ef 2.1), obtêm a seu favor todo o benefício do Cordeiro imolado, fiel substituto, essa é uma ação instantânea. Cristo foi crucificado como nosso representante, Ele possibilita a libertação do poder do pecado com a plenitude do Espírito Santo. Cristo crucificado em nós, isto é, o novo homem. A cruz diária é para o controle de nossa vida, é o viver para Cristo, é o processo de morte e vida diariamente. Essa aplicação diária da cruz produz no homem: disciplina, sacrifício, arrependimento, quebrantamento, intercessão, guerra contra o pecado. O gráfico a seguir expõe de modo detalhado esse conceito da cruz e sua relação com a santificação.

Figura 1: Os três aspectos da cruz de Cristo.



Fonte: Guthrie (1984, p. 72).

Para Guthrie (1984) a santificação proporciona resultados positivos que elevam o nível espiritual do cristão dando-lhe total comunhão com Deus. Os resultados da santificação são frutos de uma vida santa, uma vida que expressa poder de Deus e intimidade com ele. O cristão que vive em santidade abomina o pecado, por causa da sua nova natureza caracterizada pela santificação, sua participação na própria natureza de Deus e, por isso, ele repudia o pecado (1Pe 1.16). "Pois está escrito: Sede santos, porque eu sou santo". A santificação transforma o homem em sua totalidade, ou seja, no entendimento, na vontade, nas paixões e na consciência. Sobre o entendimento, Jesus ressalta no texto de Jo 6.45: "está escrito nos profetas: serão todos ensinados por Deus. Todo aquele que ouve o Pai, e aprende dele, vem a mim". O cristão só vai a Cristo se ele ouvir e aprender sobre Deus, pois através dos ensinamentos de Deus, ele aprende as verdades escondidas em Cristo Jesus.

Essa transformação também ocorre na vontade, como explica o versículo em Filipenses 3.13: "irmãos, não julgo que o haja alcançado. Mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me que das coisas que para trás ficam, e avançando para as que estão diante de mim". O apóstolo Paulo se esqueceu das coisas que ficaram para trás, ele avançou, esforçou-se para ir adiante, em direção ao seu alvo. A vontade dele foi totalmente voltada para as coisas de Deus. Nas paixões, as transformações são expressas em Gálatas 5.24: "e os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências".

Por último, a transformação ocorre na consciência, onde "todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os corrompidos e descrentes". Antes a sua mente e a sua

consciência estão contaminadas, onde Tito 1.15 explica que cria nele uma disposição mental reprovável ao pecado, e, não é da natureza do santo se associar às ações pecaminosas. Por isso, Paulo exorta os crentes de Éfeso a não andarem ou imitarem aos gentios “andando na vaidade de seus pensamentos”, ao contrário, eles deveriam revestir-se do novo homem, esse que odeia ao pecado, mas que, foi criado segundo a justiça e retidão que procede da verdade em Cristo. O autor da epístola aos Hebreus no primeiro capítulo versículo 9 diz: “amaste a justiça e odiaste a iniquidade [...]” Essa atitude deve fazer parte da natureza do santo, “os que amam não tem alternativa senão odiar a iniquidade”. Este ódio ao pecado resume-se no que o apóstolo diz em sua carta aos Gálatas 6:14, a “crucificação do mundo para nós” e “a nossa crucificação para o mundo”.

2 RESULTADOS DA SANTIFICAÇÃO NA VIDA DO CRISTÃO

Há um sentido em que o cristão está sendo santificado e as Escrituras dão embasamento para isso nas seguintes passagens: João 17.17 e 19; Romanos 6.19-22; 15.16; 1 Tessalonicenses 5.23; Hebreus 2.11; 10.14; 12.44; 1 Pedro 1.15. Essas passagens foram selecionadas porque “*hagiasmos*”, “*hagiazó*” ou “*hagios*” (santidade/santificação/santo) aparecem no original (WILLIAMS, 2011). A santificação é realizada por Deus que é o autor dela (Jo 17.17; 1Ts 5.23). O Espírito Santo é o agente santificador. Ele realiza a santificação presente guiando (Rm 8.14), transformando (Rm 12.2; 2 Co 2.18), fortificando (Ef 3.16), e por fazer-nos frutíferos (Gl 5.22-23). A morte de Cristo é a base da santificação presente. Através dela o Espírito Santo opera no ser humano.

Pela fé a instrumentalidade da palavra é eficiente, ela é resultado da obra santificadora do Espírito Santo e o meio principal para sua obra contínua de santificação. Nossas próprias atitudes e ações são também um meio para nossa santificação atual (Rm 6.19), assim como o exercício espiritual é necessário para o crescimento espiritual. O exercício físico anima o apetite para o alimento, do qual recebemos nutrição que produz crescimento. O exercício espiritual desenvolve maior apetite para a Palavra de Deus, do qual recebemos nutrimento espiritual que produz crescimento na graça.

Por meio da nossa santificação presente, a santa disposição dada às nossas faculdades no novo nascimento é reforçada. A mente é ensinada. Através da maior meditação da beleza do

Senhor, somos constrangidos a amá-lo com mais fervor. Assim, a vontade é reforçada (temos mais força de vontade) e é capacitada para executar mais decisões eficazes em interesse de sua preferência imanente. Se isso não fosse possível, então não haveria maneira possível de se crescer na graça.

2.1 Afastamento do Pecado

A história do homem começou com a criação de um ser perfeito que expressava a imagem e a semelhança de Deus até o dia em que ele decidiu abandonar as orientações do seu criador e seguir seu próprio destino. Como resultado desta escolha infeliz, o ser humano caiu em estado de pecado e rebelião contra Deus, que graciosamente providenciou um plano redentor, para levá-lo de volta a ele. Pecado é a transgressão da lei de Deus, no grego é *hamartia*, errar o alvo. É o fracasso em não atingir um padrão conhecido, mas antes desviar-se do mesmo. O pecado é definido em relação à Deus e sua lei moral, não inclui só atos individuais, como matar, roubar ou mentir, mas também atitudes contrárias aquilo que Deus exige de nós (GRUDEM, 2009; BERKHOF, 2007; CHAMPLIN, 2001). Berkhof (2007) ressaltou que o pecado teve início no mundo angelical, pois Deus criou de anjos, todos eles bons quando saíram de suas mãos. Mas ocorreu uma queda no mundo angelical e legiões de anjos se apartaram do Seu criador. Quando se estuda a origem do pecado geralmente reporta-se à queda do homem, descrita em Gênesis 3. Facilmente as pessoas se esquecem do que aconteceu antes da queda do homem, nas regiões celestiais. Isso ocorre porque as Escrituras dizem muito pouco acerca do que ocasionou a queda dos anjos.

Entretanto, fazendo uma análise do conselho do apóstolo Paulo a Timóteo, a que nenhum neófito fosse designado bispo, “para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1Tm 3.6), pode-se inferir que o pecado do orgulho, ou seja, o desejo de querer ser igual a Deus em poder e em autoridade tenha sido, senão a causa, uma das principais causas da queda no reino angelical. Em Judas 6 também se encontra relatos de anjos que não estavam satisfeitos com o que Deus lhes dera. Se o desejo de ser semelhante a Deus foi a tentação peculiar dos anjos, isto explica porque tentaram o homem nesse ponto específico. Por essa razão, o pecado é algo cósmico em sua natureza porque ninguém peca sozinho. O pecado

sempre fará parte da rebelião cósmica contra Deus e contra a retidão (BERKHOF, 2007; CHAMPLIN, 2001).

O pecado, na humanidade, teve origem com a transgressão de Adão no Jardim do Éden, um ato voluntário da parte do homem (Gn 3). O tentador sugeriu a Adão que ele deveria ficar em oposição à Deus para se tornar semelhante a Ele, Adão se rendeu e cometeu o primeiro pecado comendo do fruto proibido. A partir deste ato, houve um desencadeamento de inúmeros pecados do homem. Ele, então, passou a ser escravo do pecado. Esse contexto trouxe corrupção permanente à raça humana, pois todos são descendentes de Adão. O resultado da queda foi a transmissão de uma natureza depravada do pai das raças, pois a fonte tornou-se impura, passando a todas as gerações futuras a corrupção.

Adão não pecou somente como o pai da raça humana, mas também como chefe representativo deles, e, portanto, a culpa da sua transgressão é posta na conta da humanidade, onde todos são passíveis de punição e morte. Por isso, o pecado de Adão é, também, o pecado de todos nós. O apóstolo Paulo ensina sobre isso em Romanos 5:12: “portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Deus atribui a todos os homens a condição de pecadores culpados em Adão, exatamente como atribui a todos os cristãos a condição de justos em Jesus Cristo. Porque através da desobediência de um só homem, todos pecaram, assim também, por meio da obediência de um só homem muitos se tornarão justos (Rm 5.18-19). O homem nasce com o pecado original, por ser descendente de Adão e, também, tem seus pecados individuais e ambos o condenam. Em Romanos 2.6 diz que cada um será julgado de acordo com suas próprias obras (CHAMPLIN, 2001; BERKHOF, 2007).

Dessa forma, toda pessoa salva pode dizer com Paulo: Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (Romanos 7:24). Nesta passagem, Paulo deseja que fosse sem pecado, mas está indisposto a violentar a Escritura e praticar a auto decepção para fingir que está sem pecado. O seu próprio desejo de impecabilidade impede-o de praticar a hipocrisia, de perpetrar um engodo como todos os perfeccionistas fazem (SIMMONS, 2013). Todos os frutos do processo santificante esclarecem na verdade que a impecabilidade é impossível nesta vida, em razão de ainda existir o engano do pecado. A realidade do pecado na vida do cristão não lhe proporciona nenhuma consolação, pelo contrário, proporciona-lhe pesar. Ele quisera estar livre do seu peso terreno e elevar-se aos cimos de Deus para que sua alma pudesse aquecer-se no sol da justiça (SIMMONS, 2013).

Portanto, nenhuma pessoa salva ama o pecado, isto é, o amor ao pecado não é o afeto dominante de sua vida. Os pecados que ela comete não são o resultado de um amor normalmente dominante ao pecado senão de um levante ocasional da carne ou da fricção entre a carne e o espírito (SIMMONS, 2013). A passagem no livro dos Salmos 119.9 enfatiza: “como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra”. Desta forma, a palavra de Deus é o instrumento do Espírito Santo (Jo 17.17), que guia e orienta o pecador a viver em santidade. Está declarado em todas as passagens bíblicas que a verdade promove a obediência, previne e purifica do pecado e faz com que o cristão passe a odiar o pecado e cresça na graça e no conhecimento do Senhor.

2.2 Amor Maior pelas Coisas Celestiais

As Escrituras sob a ação do Espírito Santo reorientam de tal forma a vida do ser humano que substituem o primeiro amor pelo pecado e faz o filho de Deus buscar as coisas celestiais. O cristão deve querer deixar para trás todo o peso do pecado e passar a olhar somente para o autor e consumidor da sua fé.

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e consumidor da fé, Jesus, o qual, em troca de alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus (Hb 12.1-2).

Tasker (1984) fala sobre o total apego às coisas divinas quando afirma que a santificação leva o cristão a uma plena entrega a tudo que se relaciona com as questões celestiais. Ele se afasta de tudo que é pecaminoso e se autosacrifica conforme é dito em Romanos 12.1,2:

Portanto, rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável à Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável perfeita vontade de Deus.

Outra vez o apóstolo Paulo enfatiza sobre uma verdadeira dedicação, um apego às coisas de Deus como resultado da santificação. O apóstolo Paulo se despojou do passado, da

sua posição, sua raiz genealógica, suas práticas religiosas que o levavam a pecar, que o condenavam e, passou a se identificar com as coisas de Deus: “[...] mas considere tudo perda por causa de Cristo” (Fp 3.7). O resultado da santificação, é que ela cria no crente uma sede insaciável pelas coisas de Deus, de maneira que ele só se satisfaz plenamente quando se volta para as coisas divinas, como escreveu o apóstolo Paulo: “Portanto, se fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está oculta com Cristo em Deus” (Cl 3.1-3).

O triunfo final de Deus sobre o reino do mal é um grande motivo para se ter fome e sede das coisas espirituais. Essa atitude deve motivar o cristão a praticar a justiça e a retidão.

2.3 Prática de Boas Obras

As boas obras, assim como a santificação, passam a ser uma necessidade para o crente, pois são exigidas por Deus como consequência evidente de nosso relacionamento vital com ele (Romanos 7.4; 8.12,13; Gl 6.2). Além disso, nas boas obras, a gratidão a Deus e os frutos da fé são para glória de Deus (Tg 2.14,17,20,22; 1Cor 6.20 e Jo 15.8).

Champlin (2001) afirma que a prática das boas obras é um dos resultados da santificação, que elas são exigidas por Deus e que emanam do princípio do amor para com Deus (Mateus 7.17,18; 12.33). Elas são praticadas em obediência consciente à sua vontade revelada, sendo tudo para a glória de Deus (1Co 10.31; Cl 3.17,23). A santificação é o meio que Deus utiliza para cumprir o Seu propósito na vida do cristão: “porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nela” (Efésios 2:10). A preposição “para” usada neste texto em grego significa *epi*, onde mostra um significado mais profundo do que dizer meramente que as boas obras eram o propósito da nova vida ou que os homens foram redimidos a fim de serem um povo “zeloso de boas obras” (Tito 2:14; Colossenses 1:10). Ou seja, denota que as boas obras fazem parte da nova vida como uma condição inalienável, a qual deverá e irá se expressar nesses moldes.

Portanto, Champlin (2001) afirma que, as boas obras, conforme elas foram preparadas por Deus, de antemão, fazem parte do grande plano da graça. Mas, em sua concretização, devem ser realizadas pelos homens, através do consentimento da vontade. Dessa forma, o cristão deve

optar por um estilo de vida, pois conforme o apóstolo Paulo, existe um contraste entre estes dois estilos, a saber, o mau e o bom, representados por dois senhores, o diabo e Deus. Na sua carta aos Efésios 2.2-4, Paulo afirma:

[...] em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também. Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou [...].

Desta forma, quem proporciona essa mudança é a nova vida em Cristo, pela graça, poder e a santificação que Deus proporciona a todo cristão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou discutir o processo de santificação do cristão tendo como ponto de partida a cruz de Cristo. Em resposta ao problema proposto, procuramos construir nosso objeto, nos termos da relevância da cruz no processo de santificação. De forma específica, buscamos esclarecer a importância da cruz no processo de santificação do cristão e seus resultados. Inferiu-se que a santificação é uma realização divina, por meio de Cristo e através do Espírito Santo. Ela consiste na comunhão mística com Cristo e depende do valor da expiação pelo Seu sangue derramado no Calvário. Ela é realizada mediante a palavra de Deus (Ef 5.26).

Portanto, a santificação refere-se ao processo que leva o crente a tornar-se uma pessoa santa, dedicada, baseada em um início implantado quando da conversão, judicialmente diante de Deus, mas também concretizado nele, através de sua transformação moral. O alvo é a perfeita realização dessa santidade no indivíduo, de modo que a própria santidade de Deus Pai seja plenamente absorvida, conforme Mateus 5.48: “sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai que está nos céus”.

O resultado da obra santificadora que Deus realiza na vida cristã será manifestado por meio de um afastamento progressivo do mal e da prática consciente do pecado, por um apego cada vez maior às coisas divinas e pela prática de boas obras que refletirão o amor de Deus em nós expresso através do nosso amor ao semelhante, não em palavras, mas através de ações concretas, de atos de misericórdia.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. *Bíblia de estudo*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo Thompson*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática atual e exhaustiva*. Editora: São Paulo: Vida Nova, 2009.

GUTHRIE, Donald. *Hebreus introdução e comentário*. São Paulo: S.R.E. Editora Vida Nova A. R. E. Mundo Cristão, 1984.

SIMMONS, T. P. *Um estudo sistemático da doutrina bíblica lógica: uma disposição e um tratamento diligente dos ensinamentos da palavra santa de Deus*. Presidente Prudente: Palavra Prudente, 2013.

THIESSEM, H. C. *Palestras introdutórias à teologia sistemática*. São Paulo: IBR, 1987.

TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. Vol. 1, São Paulo: S. R. E. Vida Nova e A.R.E, 1984.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Editora Vida, 2011.